

EDITORIAL



SEGURANÇA URBANA, MEIO AMBIENTE E SAÚDE SOCIAL: UMA QUESTÃO DE OPÇÃO

"O descontentamento é o primeiro passo para o progresso do homem ou de uma nação"

Oscar Wilde

O acelerado avanço proporcionado pelo surgimento de indústrias e a subsequente expansão tecnológica foram características marcantes das últimas décadas. Hoje, entretanto, pagamos o alto preço dos benefícios que foram obtidos por este processo. No que se refere ao meio ambiente, o impacto negativo foi acentuado. A poluição industrial, no ambiente rural ou na periferia das grandes cidades, é fator reconhecidamente deletério para a qualidade de vida de seus habitantes. Da mesma forma, o comprometimento da atmosfera nas grandes metrópoles, determinado principalmente pelos combustíveis dos mais diferentes veículos circulantes, e a poluição individualmente optada e produzida pelo hábito do tabagismo, também constituem fatores relevantes para a agressão ambiental.

As repercussões deste processo são variadas e com níveis distintos de gravidade. Sabe-se que poluentes aéreos, mesmo quando em baixas concentrações, podem determinar efeitos prejudiciais à saúde, principalmente no que se refere ao envolvimento respiratório. A preocupação com a concentração das partículas aéreas é reconhecidamente tão importante quanto a natureza de sua composição química. Identificamos doenças que se instalam em indivíduos previamente saudáveis, da mesma forma que observamos doentes que têm seu curso evolutivo agravado em decorrência das condições ambientais de maior risco. Observamos manifestações alérgicas e inflamatórias como rinite, asma e doença pulmonar obstrutiva crônica - frequentemente associada a infecções - assim como a ocorrência de tumores malignos, todas sendo manifestações de alguma forma ligadas à má qualidade ambiental da atmosfera sob um aspecto individual ou coletivo. Além da questão da gravidade destas formas de acometimento, as repercussões de caráter social traduzidas pela irregularidade do comparecimento ao trabalho ou à escola são consequências importantes desta situação.

A análise deste quadro, com identificação de suas etapas de evolução, e a constatação da relação causa-efeito entre estes achados deveriam produzir um nítido estado de alerta social no que tange à preocupação com a qualidade do ar que todos nós respiramos. Em relação às indústrias, a periódica verificação do ambiente de trabalho reflete tal preocupação. Da mesma forma, no que se refere ao meio urbano, a atual e oportuna política de revisão dos combustíveis automotivos habitualmente utilizados também expressa uma maior conscientização do problema. Entretanto, é igualmente importante dar ênfase de atuação no plano individual. Pelas campanhas deflagradas e pela recente legislação antitabagismo em vigor fica claro que, hoje, estamos mais atentos para os riscos aos quais somos submetidos pela exposição aos diversos tipos de poluição, com os quais convivemos das mais diferentes formas. Mas não basta estarmos, apenas, mais atentos. A qualidade do meio ambiente que desejamos deve ser uma **opção** a ser buscada, com ações tanto ao nível individual como coletivo. Sob a luz destas questões, a noção de **segurança urbana**, à qual todos nós temos direito, mereceria ser reavaliada. Tal conceito, equivocadamente restrito às questões de violência social, deveria ser revisto e ampliado. Assim, aqui caberia incluir e estabelecer, como item apropriado, a necessidade da monitoração adequada da qualidade da atmosfera à qual nos expomos e do consequente estado de saúde da população. Mas para isso, mais do que uma simples postura de expectativa passiva, nos aguarda uma árdua tarefa de empenho pessoal que, obrigatoriamente, deve ser fundamentada em um processo de reflexão crítica e consequente **opção** em busca de uma abrangente e satisfatória condição de **saúde social**.

José Luiz Tavares
Editor Científico